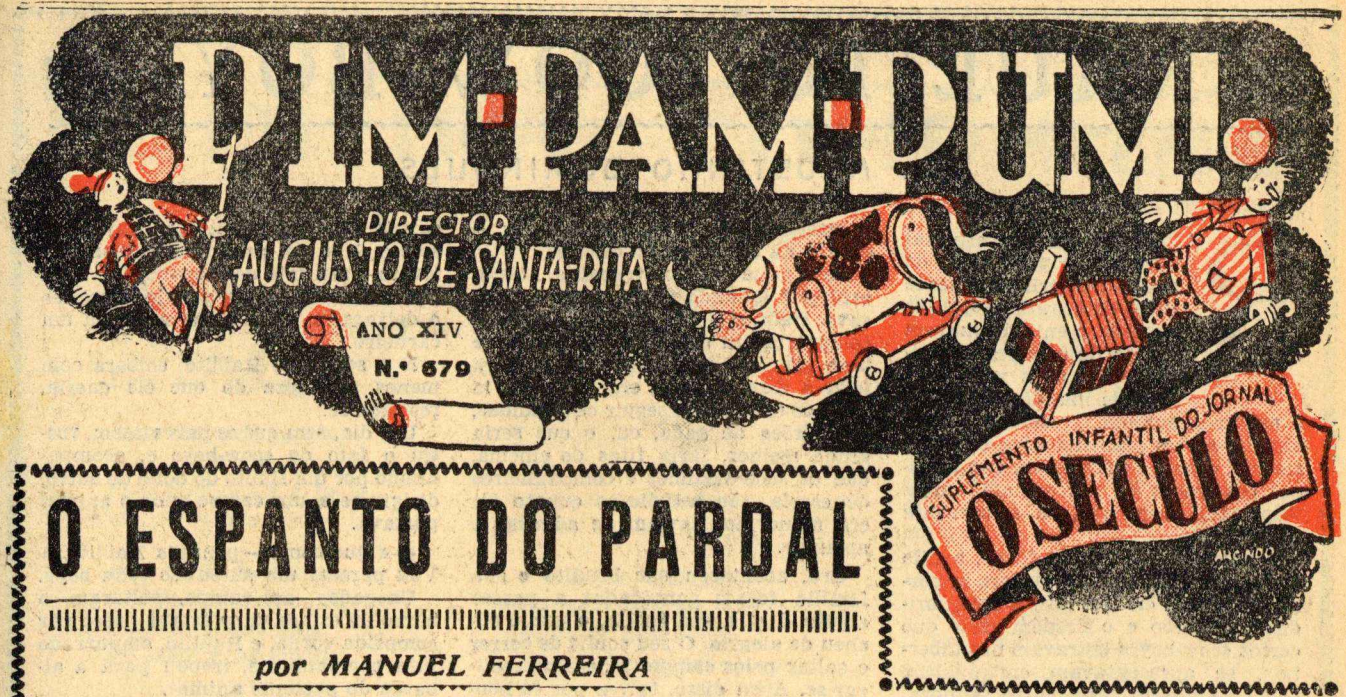
Lisboa, 19 de Janeiro de 1939



O ESPANTO DO PARDAL

por MANUEL FERREIRA

HAVIA muito que os vizinhos andavam a dizer à velha camponêsa Eufrásia:

— «O' santinha, porque razão não planta você aquela sua territa que fica à borda do caminho?»

A vèlhota resmungava:

— «Qual o quê! A terra não dá nada...»

Os saloios voltavam a insistir:

— «Mas, então, o que é que a ti'Eufrásia semeou lá há cinco anos?»

— «Batatas!» — respondeu a velha.

— «E há quatro?»

— «Também batatas!» — tornava a Eufrásia, de mau modo.

— «Bom. E há três anos?»

— «Couves.

— «E há dois anos?»

— «Couves, também».

— «E no ano passado?»

— «Para variar, — observava a vèlhota — semeei couves, outra vez.»

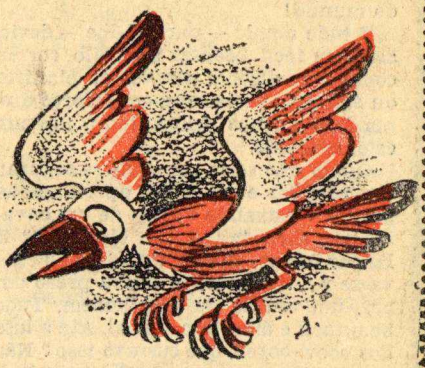
Os saloios riam! E um, mais sabichão, gargalhava:

— «Pois *tá* de vêr. Você semeia sempre a mesma coisa... A terra já está cansada...»

Mas a vèlhota voltava costas, falando sòzinha...

* * *

Certo dia, a Eufrásia, ao entrar na terreoal, onde empilhava lenha para o forno, viu uma plantazinha.



Não calculava o que seria, mas, por curiosidade, começou a regá-la. A plantazinha cresceu.

Ora sucede que um pardalito, ao passar pela fazenda abandonada, viu a planta. Ficou admirado e, vai daí, preguntou à carriça quem havia lançado à terra aquela semente.

— «Não sou daqui!» — respondeu a carriça com o ar mais sincero da sua vida.

Voando, o pardal preguntou à perdiz, que debicava o chão com os seus meninos:

— «Porque razão nasceria aquela planta na terreola da Eufrásia?»

(Continua na página 3)

RAÜLITO «COW-BOY»

por AGOSTINHO DOMINGUES

RAÜLITO tinha uma especial predilecção pelas fitas de aventuras, principalmente pelas de «cow-boys», cujas proezas o entusiasmavam extraordinàriamente. Muitas vezes seus pais tiveram de mandá-lo calar-se e sentar-se quando, no cinema, o viam exceder-se em manifestações de entusiasmo, diante de filmes em que audazes cavaleiros se perseguiam, numa velocidade espantosa, ou se socavam ferozmente.

Aquilo sim — pensava êle —, aquilo é que era vida, aquilo é que era importância. Como êle invejava a superioridade, o garbo e o desdém com que certos «cow-boys» entravam nas tabernas, se apresentavam em público, como se fôssem verdadeiros senhores do mundo!

E tudo aquilo — parecia-lhe — devia ser bem fácil. Montar a cavalo, correr como uma flecha, através da planície ou saltando barrancos, era esfôrço dispendido apenas pelo animal. Possuir êste, era tudo.

Quem não seria capaz de se segurar nos estribos e no selim, apertando as pernas e puxando o freio de um cavalo, por mais bravo que êle fôsse? E lançar o laço, que custava isso? Pegava-se e... pronto, lá ficava prêso um boi, um cavalo ou um homem. Tudo bem fácil e divertido, afinal. Até a luta dos «cow-boys», que custava isso? Não via êle tantas vezes um homem sòzinho vencer uns poucos de homens? Era porque isso não custava muito. Portanto, para se ser respeitado e admirado, ser, enfim, pessoa importante e triunfar na vida, não havia necessidade de andar a quebrar a cabeça na escola ou na oficina.

Para quê tanto trabalho, tanto esfôrço? Quando fôsse maior — pensava Raùlito — iria para a América, compraria um cavalo, umas esporas e uma pistola e estaria governado para tôda a vida. O resto era fácil; ou ia para os campos perseguir os bandidos, os ladrões de gado, ou, o que seria ainda melhor, faria fitas de cinema, que os seus vizinhos e companheiros de escola, tão estudiosos quanto êle era mandrião, haviam de admirar e aplaudir.

Ora, aconteceu que Raùlito e sua família foram convidados a passar alguns dias numa aldeia, o que o encheu de alegria. O seu sonho de correr e saltar pelos campos ia, enfim, realizar-se. Além disso, talvez por lá houvesse algum cavalo que êle montasse. Depois já poderia dizer aos seus companheiros que andara a cavalo, coisas que êles nunca tinham feito.

Para melhor se convencer, a si e aos outros, de que era um perfeito «cow-boy», meteu na mala de viagem, sem que os pais soubessem, o fato de «cow-boy» que lhe deram pelo carnaval.

Na aldeia, bem pequenina por sinal, não havia, ao contrário do que Raùlito esperava, nenhum cavalo.

Havia apenas um burro, e êsse mesmo tão lazarento que Raùlito sentiu grande mágoa, por verificar que seria faltar muito à verdade se dissesse, depois, aos seus companheiros que montara um lindo cavalo. Mas era preciso realizar o seu sonho. Não foi para outra coisa que levara o seu fato de «cow-boy».

Por isso montaria aquele burro, se o deixassem, ou até um suíno ou um carneiro.

E o sonho de Raùlito, embora com menos grandeza do que êle queria, realizou-se.

Um dia, sem que os pais vissem, vestiu o fato de «cow-boy» e, acompanhado por um filhito do dono do burro, dirigiu-se a um campo onde o animal pastava.

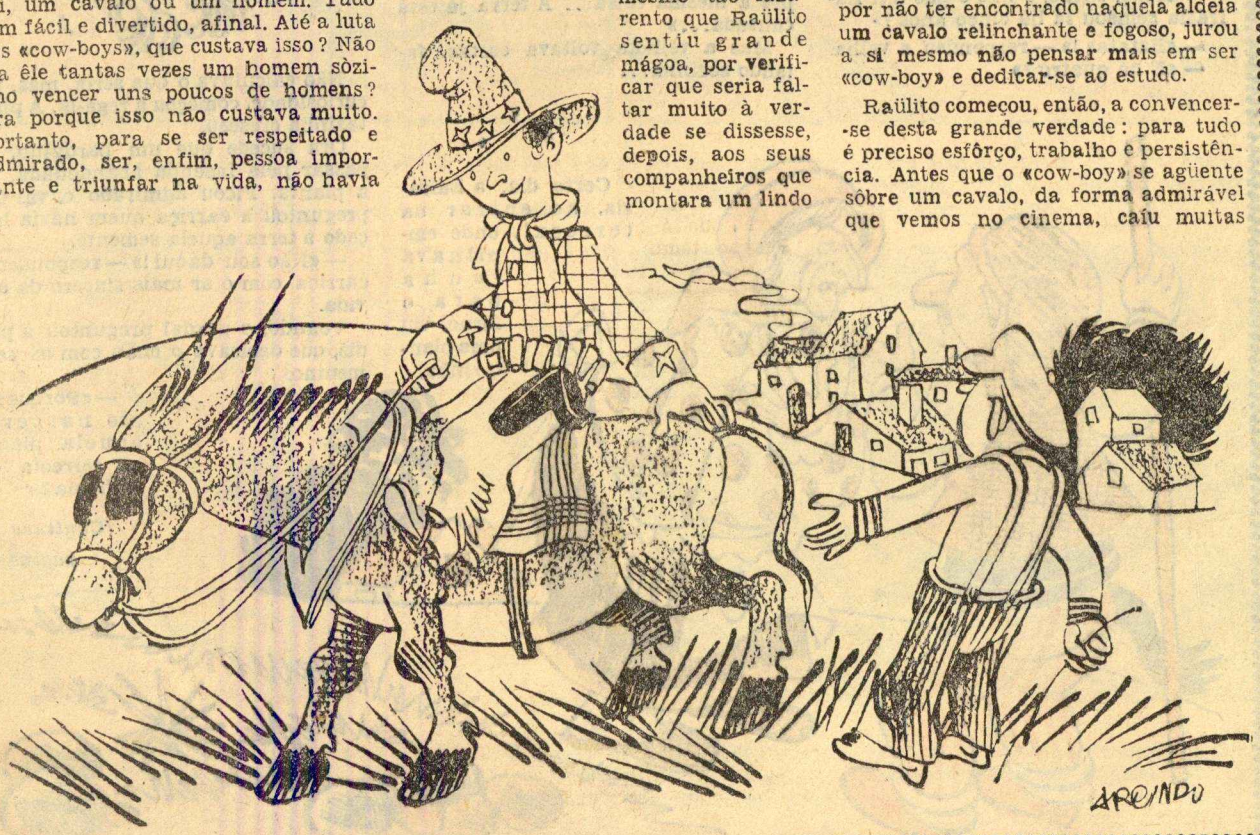
— «Que bom! — pensava Raùlito. — Vou parecer um autêntico «cow-boy».

Chegados ao campo, soltaram o burro da estaca onde estava prêso por comprida corda, e Raùlito, empurrado pelo companheiro, trepou para a albarda do paciente animal.

É indescritível a alegria que Raùlito experimentou ao vêr-se a cavalo. Muito compenetrado do seu papel de «cow-boy», pediu ao companheiro que batesse no burro, para êle correr.

Assim se fez. Mal, porém, o pobre lazarento dera dois passos mais rápidos, Raùlito desequilibrou-se e caíu, pesadamente, no solo. Só então, ao experimentar o contacto duro da terra, que o deixou adoentado muito tempo, compreendeu que não era tão fácil, como lhe parecera, ser bom cavaleiro, ser «cow-boy». Julgando-se muito feliz por não ter encontrado naquela aldeia um cavalo relinchante e fogoso, jurou a si mesmo não pensar mais em ser «cow-boy» e dedicar-se ao estudo.

Raùlito começou, então, a convencer-se desta grande verdade: para tudo é preciso esfôrço, trabalho e persistência. Antes que o «cow-boy» se agüente sôbre um cavalo, da forma admirável que vemos no cinema, caíu muitas



PRIMEIRA COMUNHÃO

por GRACIETTE BRANCO

A seis de certo mês,
dum ano a começar,
pela primeira vez
Bébé vai comungar!

A caminho da Igreja,
o seu bom coração
tudo contempla e beija
em plena devoção.

As pedras da calçada,
o Céu, pelos confins,
a gente descuidada,
as casas e os jardins...

E nêsse claro dia,
ardente de beleza,
havia mais poesia
em tôda a Natureza!

Os olhos do Menino
irradiavam luz!
Levava no Destino
a Graça de Jesus!

E da velha ramada,
além, dum cedro antigo,
indaga a passarada
em seu cantar amigo:

— «Menino ajuizado,
oito aninhos a rir,
queremos descobrir
qual é o teu pecado...»

E o Menino que tem
Jesus à sua beira,
entende muito bem
e ri da brincadeira...

O Sol aquece e berra!
É forte a claridade!
Em seu abraço á Terra
envolve a Humanidade!

Vibra, no ar, um sino!
A manhã é mais bela!
Ajoelha o Menino
em peqena capela!

Vibra, mais alto, o sino!
Inclina-se Jesus...
E na Alma do Menino
acende-se uma Luz!

Luz cintilando calma,
ao fim da Vida, até!
Tem, por candeia, a Alma,
e, por azeite, a Fé!

O ESPANTO DO PARDAL

(Continuado da página 1)

A perdiz, para não manifestar ignorância, desculpou-se:

— «Passei agora aqui, mas sou de muito longe.»

Palavras ditas, num galho duma carvalhiça, surgiu uma toutinegra. Prontamente o pardalico lhe fez a pregunta. O passarolo respondeu:

— «Só o que sei é que ninguém a semeou. Talvez a cotovia saiba!

Mas a cotovia volveu:

— «Não acredito, compadre pardal. Isso deve ser confusão. Desde que o filho da Eufrásia foi para a tropa, ninguém mais lá entrou na fazenda.»

Assim se passaram dias. O pardal, cada vez mais intrigado, não desistiu de encontrar solução para aquele problema. Foi consultar o mocho.

Este, doutor da floresta, respondeu, galhofeiro:

— «Não tem nada de admiração, amigo pardal. Uma noite destas, vi, numa rocha, um grão de trigo, que o vento arrastara. Agarrei-o com as patas e voei para o meu ninho. Mas, quando ia por cima da fazenda da tia Eufrásia, o trigo caiu-me. Abaixei-me, mas já não o descobri. Ontem, a Eufrásia regou uma plantazinha que nascera do grão que lá tinha ficado.»

Passado tempo, quando o trigo estava loiro, a velha apanhou-o, No ano seguinte, a Eufrásia semeou a terreola com o trigo daquela espiga.

Quando soube isto, o doutor mocho sentenciou ao pardal:

— «Vês, vês tu? Foram o sol e a chuva que desenvolveram o grão de trigo. Mas eu, mocho do bosque, mostrei à velha que, naquele terreno por ela julgado estéril, podia aloirar uma bela seára.

FIM

RAÜLITO «COW-BOY»

(Continuado da página anterior)

vezes, sofreu muito. E mesmo depois de saber bem montar, corre grandes riscos e trabalha para viver.

Nêste mundo, nem a vida dos maus, dos ladrões ou assassinos, é isenta de trabalhos. E quanto a perigos, não há outra que se lhe compare. Por isso, meus meninos, desiludi-vos. Ninguém pode governar a vida sem trabalho e sem esfôrço.

A NOSSA CONSTRUÇÃO DE HOJE

Mestre caracol, de pauzinhos ao sol, seguia descançadamente por um carreirinho quando, de repente, vê adejar por sôbre si umas asas escuras e um feio passarito pousar diante dêle. Não teve tempo senão de recolher a cabeça à sua casinha, para evitar uma tremenda bicada daquele animal feroz. Muitíssimo escamado, e com razão, estendeu novamente a cabeça e preparava-se para pregar uma descompostura à ave, quando esta, com nova bicada, o obrigou novamente a recolher à casca.

E assim sucessivamente, o pássaro a bicar e o caracol a fugir.

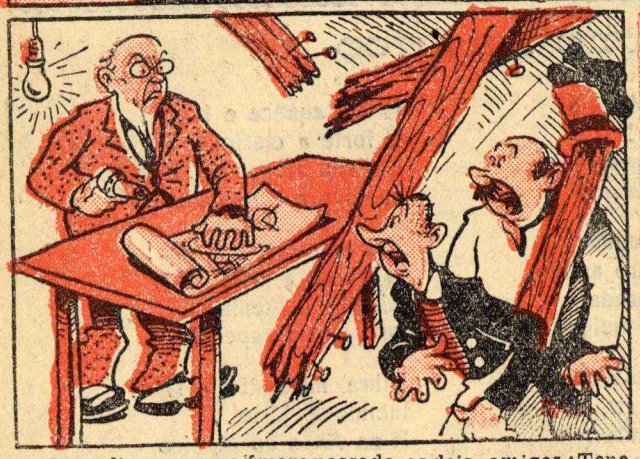
Eis a nossa construcção para armar, tão simples que nem sequer necessita de explicações.

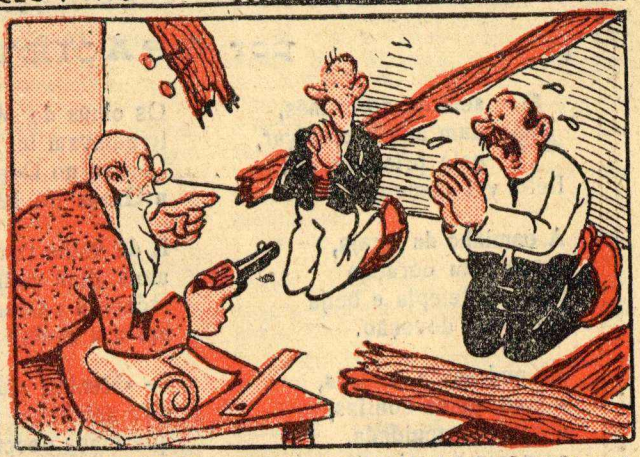
Basta guiar-vos pelos dois esquemas para chegardes ao fim sem êrros nem aflições.

VIAGEM AOS PLANETAS

(Continuação do numero anterior)

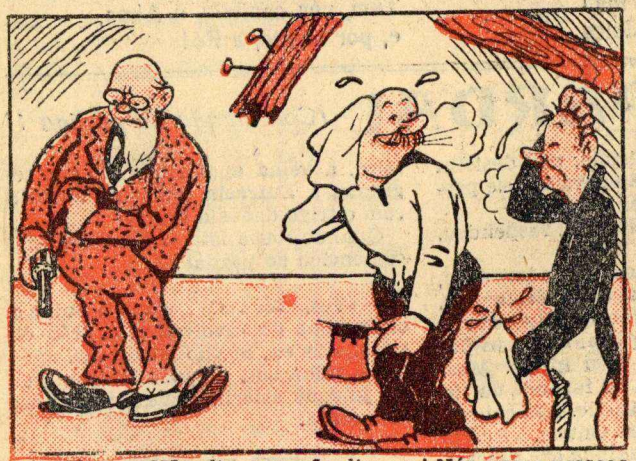
TAVARES PINTO

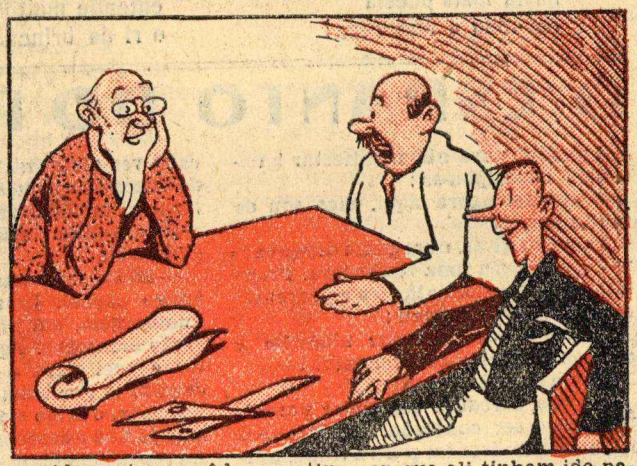




Como dissemos no número passado, os dois amigos «Topa-Tudo» e «Passa-Fome» encontraram-se dentro da casinha envoltos em densa escuridão. Verificaram logo, cheios de terror, que estavam a ser observados por uns olhos misteriosos que pertenciam, (e viram isto graças a uma lâmpada que se acedeu) a um estranho vèlhote de barba branca, que, agarrado a um rolo de papeis, como que temendo que lho roubassem, lhes apontava um enorme pistolão, tomando-os, certamente, por uns gatunos.

Os dois companheiros, apavorados, caíram de joelhos,

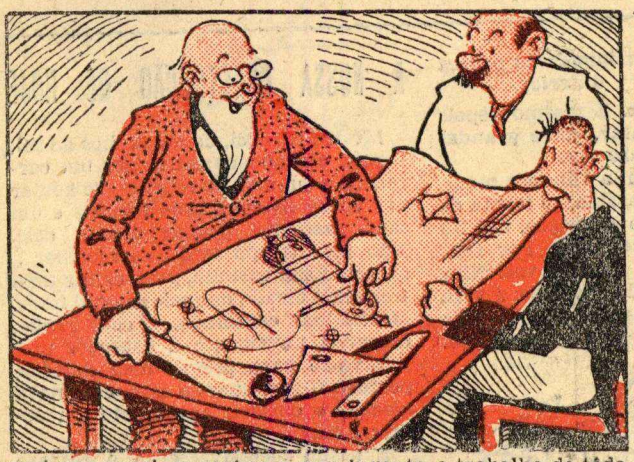


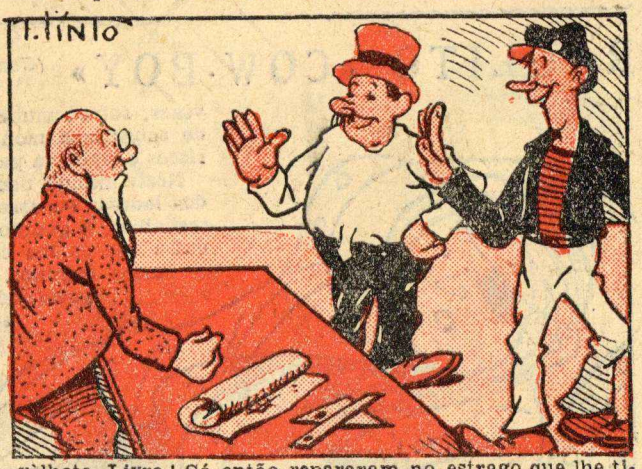


gritando: — «Não dispare, não dispare! Nós somos pessoas de bem!»

E, acto contínuo, o gordo «Passa-Fome», contou o mais rapidamente que pôde, o motivo por que ali tinham ido parar.

— «Apre! — (exclamou, no fim, o vèlhote) — sempre julguei que queriam roubar o meu invento, o trabalho de tôda a minha vida.»





E guardou o pistolão.

Os dois vàdios limparam o suor que lhes caía da testa e sopraram, aliviados. Tinham visto a morte nas mãos do vèlhote. Livra! Só então repararam no estrago que lhe tinham feito na casa.

Mas êste, sem fazer caso, mandou-os sentar a uma mesa e apresentou-se: chamava-se «Sabão», era doutor e sábio. Tinha dedicado a sua vida inteira à descoberta duma «bala»

O REGATO E O POÇO

POR LAURA CHAVES

Na quinta do Mato Grosso,
à beirinha do pomar,
existia um grande pôço
cheio de água, a trasbordar.

Quando a terra se mirrava
à mingua, numa tortura,
o pôço nunca secava,
tinha água com fartura.

Deixava tudo sedento,
nada dava à Natureza...
O poço era um avarento
guardando a sua riqueza.

Mas o inverno, naquele ano,
foi bastante rigoroso.
A chuva fez muito dano,
emfim, um tempo horroroso.

Corria a água dos montes
numa tremenda enxurrada...
Té rebentaram as fontes,
a terra estava encharcada.

Mas, depois, brilhou o sol,
houve mesmo um calor louco
e a terra, que estava mole,
foi secando a pouco e pouco...

Só um regato ficou
correndo com alvorôço,
que, por acaso, passou
mesmo pertinho do pôço.

Sempre numa cantoria,
saltava de frágoa em frágoa,
dizendo a todos: — «Bom dia!
Quem quere água?! Quem quere água?

Mas ao pôço, com rudeza,
disse em seu gorgolejar,
censurando essa riqueza
que êle teimava em guardar:

—«Lamento o destino teu,
ó poço de água parada,
que vês sempre o mesmo céu...
Que sabes da Vida? Nada!

Nesta terra que eu devasso,
dizem-me coisas tão lindas!
Todos me tolhem o passo
as darem-me as boas vindas!

Minha água tem outra sorte
que tem tua água oprimida...
Tu nunca sofrerás morte
mas não sabes o que é vida.

Eu deixo uma gôta aqui,
deixo outra gôta acolá,
logo uma flôr me sorri,
logo um bicho diz:—Dá cá!

Vou morrendo dia a dia,
todos me matam, bem sei,
mas não perco esta alegria
nem choro a água que dei.

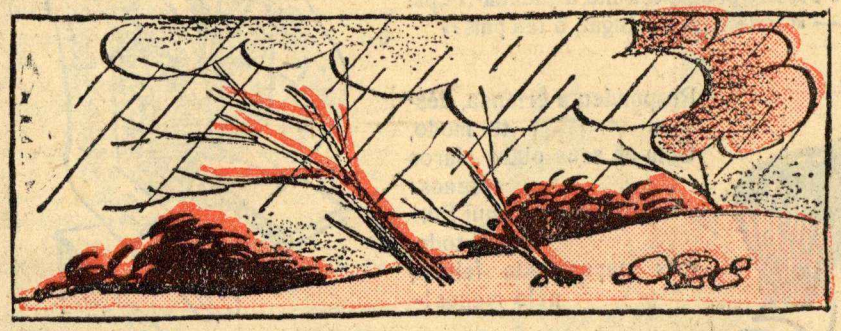
Cada vez mais pequenino,
sem águas fundas nem lodos,
eu cá sigo o meu destino
repartindo-me por todos.

Vou minguando sem receio,
vou morrendo sem queixume...
se hoje uma gôta é gorgeio,
àmanhã será perfume!

E à terra que me bebeu
e onde aos poucos me sumi,
eu levo inteirinho o céu
que em minha água reflecti!

Não temos a mesma sorte,
eu e tua água oprimida...
Ela tem vida que é morte
e eu vou ter morte que é vida!»

A-pesar-de ser ingrato
o Mundo e não valer nada,
inda é melhor ser regato
do que ser água parada.



F I M

que permitisse estabelecer comunicação entre a Terra e os outros planetas do sistema solar, e tinha-o conseguido.

Mas esbarrava, agora, em duas grandes dificuldades:

Não tinha dinheiro para comprar os materiais necessários à construção da bala, nem um companheiro que o ajudasse a manobrá-la.

Nesta altura o «Papa-tudo» voltou-se para o companheiro e disse-lhe:

— «Olha lá! Onde vamos nós comer e dormir hoje?»

— «Sei lá!?»

— «E amanhã e nos dias seguintes?» — tornou o «Papa-tudo.»

— «Preguntas bem. Se eu sei tanto como tu!»

— «Perfeitamente. Como nada nos prende na terra, se nós fôssemos dar um passeiozinho aos astros com o sr. dr. Sabão?

E voltando-se para êste:

— «A bala comportaria três pessoas?»

— «Sim, respondeu o sábio. Mas a bala? Onde está ela?»

— «Nós nos encarregaremos de arranjar materiais para a sua construção.»

«Anda daí, «Passa-fome!»

Levantaram-se e, acompanhados do sábio que os ia livrar das fúrias do cão, dirigiram-se para a estrada, onde se despediram do doutor.

Qual seria a idéa dos dois amigos, se êles também não tinham dinheiro?...

(Continua no próximo número)

O NOSSO CONCURSO

A BELA PRINCEZINHA ADORMECIDA

Depois duma cuidadosa selecção das duas centenas de cadernetas presentes a êste nosso Concurso, o Júri, reünido na sala da Redacção do «Pim-Pam-Pum», procedeu à classificação das respectivas provas que, na sua generalidade, atestam brilhantemente o entusiasmo com que foi acolhido mais êste educativo certame organizado pelo nosso suplemento, desta vez em colaboração com a Casa Philip's.

Entendeu o Júri de justiça louvar todos os concorrentes pelo zêlo com que se houveram na apresentação das suas cadernetas e no cuidado com que coloriram os desenhos do conto: — «A Bela Princezinha Adormecida», distinguindo, todavia, os que mais se esmeraram e classificando-os da seguinte forma:

PRIMEIRO PRÉMIO — Amélia Beatriz S. D. Carvalho, concorrente n.º 130, de Seia.

SEGUNDO PRÉMIO — Maria Lino de Oliveira Pereira, concorrente n.º 182, de Lisboa.

TERCEIRO PRÉMIO — Léninha Caiado de Sousa, concorrente n.º 83, do Porto.

QUARTO PRÉMIO — Carlos Manuel N. V. G. de Penha Garcia, concorrente n.º 71, de Espinho.

QUINTO PRÉMIO — Manuel J. Coelho, concorrente n.º 148, do Porto.

MENÇÕES HONROSAS NUMERADAS:

1.ª — Maria de Lourdes Valentim, n.º 140, de Lisboa.

2.ª — Maria Beatriz da Cunha, n.º 19, de Odivelas.

3.ª — Maria Luiza Valente, n.º 159, do Porto.

4.ª — João Frade Enns, n.º 99, de Olhão.

5.ª — José Guilherme Pinto da Cunha, n.º 100, do Porto.

6.ª — Maria Lucília Mendes de Abreu, n.º 74, Algés.

7.ª — Raúl Vaz Macedo, n.º 170, de Lisboa.

8.ª — Maria Delmira Lemos, n.º 64, de Escurquela.

9.ª — Carlos Rocha Pires, n.º 56, de Lisboa.

10.º — Rui dos Santos S. P. Péta, n.º 54, de Lisboa.

MENÇÕES HONROSAS SEM NUMERAÇÃO:

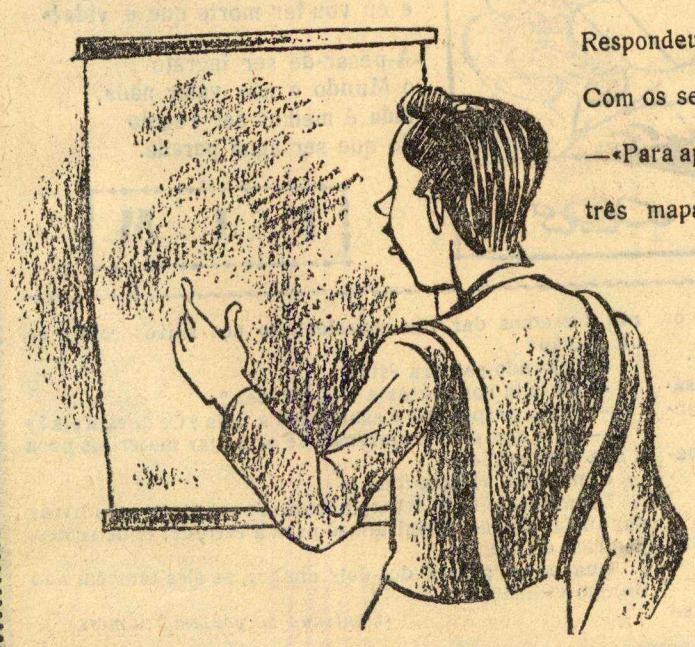
Victor Hugo d'Oliveira G. Henriques, José Casimiro Alvaro Leote, Artur Luíz Almeida T. de Vasconcelos, Luíz Barbosa Horta, António Pedro Ribeiro, José Rafael L. Saraiva, Maria Carlota de Araujo, Artur Manuel Lopes M. Neves, Maria Otília S. Martins, Maria da Conceição C. B. Ribeiro, Manuel Fernandes T. David, Alberto Formosinho Angelino, Luís de Mendanha, João da Silva C. Baião, Salomé Antunes Guerra, Esmeralda

(Continua na pág. 7)

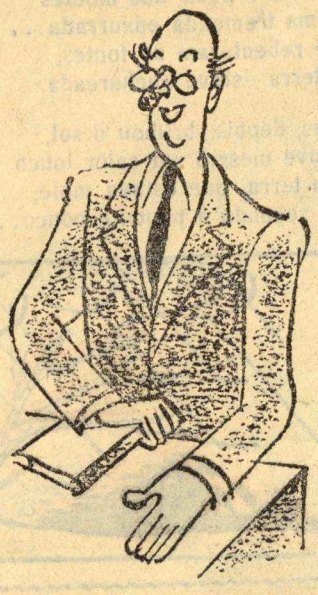
PORTUGAL não é um país pequeno

Num colégio de França—(que talvez
levava a tantos mais a primazia)—
um certo garotinho português
foi chamado à lição de Geografia...

Mostrando-lhe num mapa tôda a Europa,
para ver a esperteza do petiz,
o Mestre preguntou-lhe, à queima-roupa:
— «Onde está Portugal, o teu país?»



Respondeu a criança, dêste modo,
Com os seus olhos claros e serenos:
— «Para apontar, aqui, Portugal todo,
três mapas inda faltam, pelo menos!»



— «Porquê?» Volve-lhe o Mestre, grave e sério.
Mas o petiz tornou sem cerimónias:
— «Porque o meu Portugal é um Império!
Também devo apontar suas Colónias.»

O professor francês, então, expande
a sua admiração e assim lhe diz:
— «Pequeno português, tens alma grande,
tão grande quanto é grande o teu País!»

FIM

UM JÔGO

... muito interessante para estas noites de inverno...

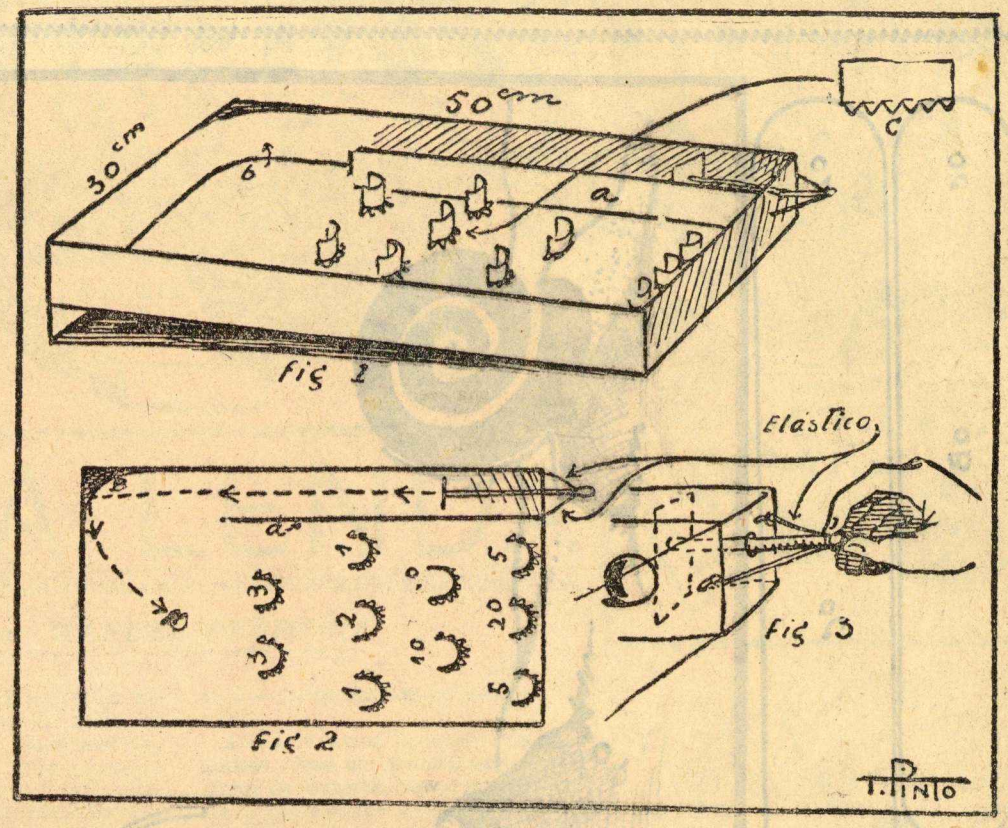
Arranjem um tabuleiro de madeira, ou mesmo de cartão forte, do tamanho e feitio indicados na figura 1.

A seguir, colem no fundo, num dos lados, uma tira de cartão para ficar, dêsse lado, mais elevado.

Colem-lhe, depois, por dentro, uma tira de cartão *(a)* e outra *(b)* como mostram as figuras 1 e 2.

Vamos, agora, ao aparelho de atirar a bola (fig. 3). Compõe-se dum quadradinho de cartão, duma haste de madeira e dum elástico. Vejam a forma de se armar na figura 3.

Faltam ainda as tiras de cartão *(c)* as quais, armadas em semi-círculo, amparam a esfera.



Por último, vamos às explicações do jôgo. Podem entrar os jogadores que quizerem, jogando cada um de per-si.

Exemplo: Um jogador põe o berlinde no... «canhão.» Puxa a haste, e larga. O berlinde, impulsionado pela pancada, sobe o corredorzinho, vai bater na tira arredondada *(b)* e é atirado para o meio do tabuleiro; depois, pela inclinação dêste, vai rebolando até entrar num dos tais semi-círculos de cartão, numerados. Ganha, é claro, o jogador que, ao fim de tantas jogadas, (20 por exemplo) obtiver um mais alto número de pontos.

A bela Princezinha adormecida

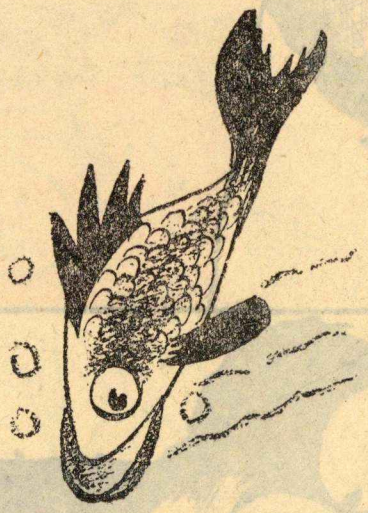
(Continuado da pagina 6)

M. Mil-Homens Ferreira, Simbolina Mil-Homens Ferreira, Murilo Luís Agostinho, Maria Carolina de C. Durão, António J. Carreira da Cunha, Vera Maria de C. Côrte Real, Maria Manuela de L. P. Duarte, Maria Célia C. dos Santos, Maria Dulce C. Lopes, Maria Luisa R. da Costa, Leonor Esteves de Castro, Maria da Conceição Figueira, Edite das Dores Vieira, Francisco de Souza Reina, Lucília de Carvalho Costa, António B. Pinheiro de Araujo, Constantino A. Faria Sopas, Victor Gonçalves dos Santos, Maria Arminda de O. Fonseca, Raul Pimenta, Maria de Lourdes Viegas, Manuel Osório da Conceição Santos, Manuel José de Campos Costa, João Dias Fiadeiro Júnior, Eduardo F. de Macedo, Maria Frederica V. de M. Leitão, Manuel Eduardo Ferreira, Manuel e J. Valente Dias.

Os cinco prémios são constituidos por interessantes brinquedos, que ficam à disposição dos meninos premiados, de hoje em diante, na redacção do nosso suplemento.

Os meninos classificados com menção honrosa, podem reclamá-las passado o dia 24 do corrente.

CURIOSIDADES

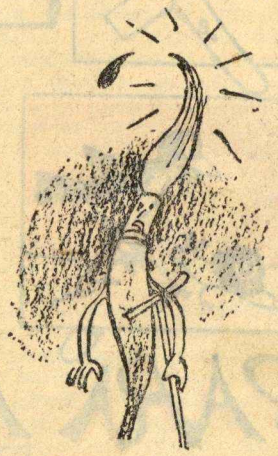


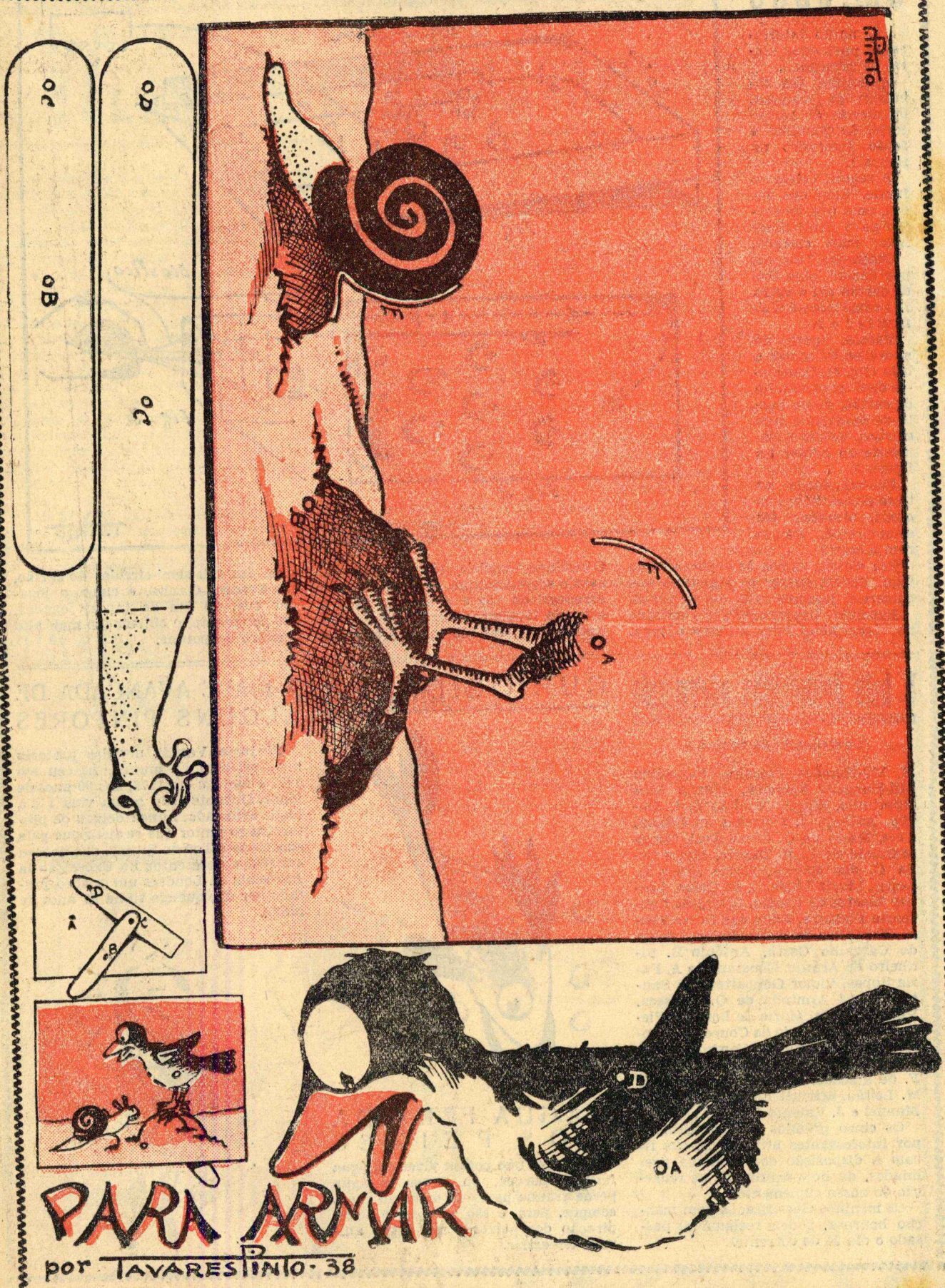
A AGUA FERVIDA E OS PEIXES

Os peixes não podem viver em água fervida, porque, ao ferver, a água perde grande parte do oxigénio que a compõe. Êste é tão necessário à respiração dos peixes como à dos animais terrestres.

A IDADE AVANÇADA DE ALGUNS PINTORES

Ticiano Vecelli, um dos pintores mais célebres do mundo, nasceu em 1477 e morreu em 1576, aos 99 anos de idade. Durante tôda a sua vida até à idade avançada, nunca deixou de pintar. Outro pintor que se distingue pela sua idade é Tomás Sitney, que nasceu em 1803 e apresentou na Exposição da Academia de Londres um quadro, pintado por êle, quando tinha 99 anos de idade.




PARA ARMAR
por TAVARES PINTO · 38
A
B
C
D
A
B
C
D
A
B
C
D
A